

COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA SAÚDE: OS HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO DO PORTAL G1 NA PANDEMIA COVID 19

*PUBLIC HEALTH COMMUNICATION: UNIVERSITY HOSPITALS AS A SOURCE OF
INFORMATION FOR THE G1 PORTAL IN THE COVID 19 PANDEMIC*

*COMUNICACIÓN EN SALUD PÚBLICA: LOS HOSPITALES UNIVERSITARIOS
COMO FUENTE DE INFORMACIÓN PARA EL PORTAL G1 EN LA PANDEMIA DE
COVID 19*

Original recebido em: 23 de julho de 2024

Aceito para publicação em: 30 de outubro de 2024

Publicado em: 18 de novembro de 2024

Paola Caracciolo
Flavia Clemente

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ·

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir a comunicação pública da saúde debatendo a contribuição dos hospitais universitários como fonte de informação do portal G1 no primeiro ano da pandemia Covid-19. Considera-se a abrupta ruptura do cotidiano e a intensa relação entre a mídia e as instituições científicas em um contexto marcado pelo negacionismo da ciência. Por meio da metodologia da análise de conteúdo (Bardin, 1977), buscou-se categorizar as notícias encontradas no portal G1 para perceber de que forma essas instituições aparecem e como elas contribuem para a discussão sobre a importância da comunicação pública e sua interface com o jornalismo. São trabalhados conceitos da mídia e do cotidiano, desinformação, *fake news*, comunicação pública e comunicação do Sistema Único de Saúde (SUS). Na metodologia foram encontradas nove categorias de notícias que citavam essas instituições.

Palavras-chave: Comunicação Pública; Hospital Universitário; G1; Covid 19; Cidadania.

ABSTRACT

The objective of this text is to discuss public health communication by debating the contribution of university hospitals as a source of information for the G1 portal in the first year of the Covid-19 pandemic. The abrupt rupture of daily life and the intense relationship between the media and scientific institutions are considered in a context marked by science denialism. Using the content analysis methodology (Bardin, 1977), we sought to categorize the news found on the G1 portal to understand how these institutions appear and how they contribute to the discussion about the importance of public communication and its interface with the journalism. Concepts from the media and everyday life, disinformation, fake news, public communication and

communication from the Unified Health System (SUS) are discussed. In the methodology, nine categories of news were found that mentioned these institutions.

Keywords: Public Communication; University Hospital; G1; Covid-19; Citizenship.

RESUMEN

El objetivo de este texto es discutir la comunicación en salud pública debatiendo el aporte de los hospitales universitarios como fuente de información para el portal G1 en el primer año de la pandemia de Covid-19. La ruptura abrupta de la vida cotidiana y la intensa relación entre los medios de comunicación y las instituciones científicas se consideran en un contexto marcado por el negacionismo científico. Utilizando la metodología de análisis de contenido (Bardin, 1977), buscamos categorizar las noticias encontradas en el portal G1 para comprender cómo aparecen estas instituciones y cómo contribuyen a la discusión sobre la importancia de la comunicación pública y su interfaz con el periodismo. Se discuten conceptos de los medios de comunicación y de la vida cotidiana, desinformación, fake news, comunicación pública y comunicación del Sistema Único de Salud (SUS). En la metodología se encontraron nueve categorías de noticias que hacían mención a estas instituciones.

Palabras-clave: Comunicación Pública; Hospital Universitario; G1; COVID-19; Ciudadanía.

1. INTRODUÇÃO

A despeito desta afirmação ser praticamente uma obviedade, é difícil não afirmar que o ano de 2020 ficará, para sempre, marcado na memória de todos os que o viveram, como um momento de profunda inflexão na própria vida. Provocada pelo vírus SARS-CoV-2¹, oriundo da cidade de Wuhan, na China, a pandemia de Covid-19 foi declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, situação que só teve fim em 5 de maio de 2023. A essa altura, mais de 8 milhões de pessoas no mundo haviam morrido vítimas da doença (OMS)². Desse total, de acordo com o painel de dados do Ministério da Saúde do Brasil, 700 mil mortes ocorreram no país, onde mais de 37 milhões de casos foram confirmados.

Além da mortalidade, a pandemia alterou, drasticamente, o cotidiano das pessoas pois, em função das primeiras informações divulgadas, algumas medidas de prevenção como o distanciamento social, o uso de máscaras e a higienização das mãos e de superfícies com sabão

¹ SARS-CoV-2: vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como “novo coronavírus”. Disponível em: < <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>> Acesso em 06 mar. 2024

² Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths?n=c>. Acesso em 06 mar. 2024

ou álcool em gel 70% tiveram que ser adotadas. Essas mudanças modificaram drasticamente os ambientes de trabalho, escolar e outros, e alteraram as formas de sociabilidade colocando em cena o protagonismo do quarto *bios*, o da comunicação (Sodré, 2002), já que as orientações circularam em diferentes instâncias, sobretudo na mídia, por meio das notícias nos telejornais e nos portais noticiosos. Em outros termos, as estratégias e as táticas da vida cotidiana (Certeau, 2004) tiveram que ser reinventadas, até que a chegada das vacinas, em meados de 2021, começaram a alterar esse cenário, em concomitância ao acesso dos países ao medicamento.

Outro aspecto relevante deste período de incertezas foi o quanto ele foi pródigo em propagação de notícias falsas (*fake news*) e desinformação geradas por grupos negacionistas. Por exemplo, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) chamou a atenção para o fenômeno da infodemia, marcado pelo excesso de informações, algumas precisas e outras não, o que tornava difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis em um momento em que tanto se precisava. Segundo Giordani (2021), *fake news* são notícias que têm como características principais a falta de autenticidade e a finalidade assumida de enganar.

Circularam informações imprecisas e falsas sobre todos os aspectos da doença: como o vírus se originou, a causa, o tratamento e o mecanismo de propagação. A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Pesquisas como as de Massarani et al (2021) já evidenciavam o fenômeno da desinformação como influente na opinião pública, dando espaço ao conceito de pós-verdade que, segundo Sacramento, Falcão e Monari (2023), deve-se a fenômenos distintos, mas com iguais consequências na vida pública. Dentre eles, destaca-se a multiplicação de discursos que desconsideram os fatos e o consenso científico, que são sobrepostos por ampla circulação de diagnósticos e prescrições sem quaisquer comprovações de validade da ciência ou mesmo intencionalmente falsos.

No Brasil, essa situação ficou muito visível pela atuação do Ministério da Saúde que, após trocas de ministros e inconsistências na divulgação de dados, chegou a até mesmo parar de divulgar informações sobre o número de infectados e mortos pela Covid-19³. O quadro levou os veículos de comunicação a formarem, em junho de 2020, um consórcio de veículos de imprensa, envolvendo seis dos maiores veículos de mídia do país: G1, O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e UOL. O objetivo era mapear os dados fornecidos pelas secretarias de saúde dos estados e comparar com os fornecidos pelo Ministério. A iniciativa foi

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/apos-reduzir-boletim-governo-bolsonaro-retira-dados-acumulados-da-covid-19-de-site-oficial.ghhtml>.

considerada “um momento singular na história do jornalismo no Brasil” (Barbosa; Andrade; Cony, 2022, p. 196), já que esses meios de comunicação passaram a cumprir a função social de informar à população, tendo como fontes a OMS, o Ministério da Saúde e as principais instituições de ciência como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o Instituto Butantan, diversas universidades, além de médicos de hospitais públicos e privados.

Esse contexto trouxe à tona a relevância das instituições públicas de ciência. Estas, portanto, passaram a servir como fonte oficial e/ou secundária (Lage, 2003) da imprensa, corroborando o valor da fonte especializada para a produção de reportagens e informações consistentes por parte dos veículos de imprensa. Uma situação que contou com a participação das Universidades, não apenas na produção de conhecimento a respeito do tema, mas também no atendimento à população por meio dos Hospitais Universitários (HUs), que atuaram em conjunto com as secretarias de saúde no combate ao coronavírus.

É considerando essa contribuição que este texto se articula. Interessa aqui compreender o papel desempenhado por esses hospitais universitários - que são instituições que promovem a tríade ensino, pesquisa e assistência - para a comunicação pública no Brasil. Para tanto, levantamos as matérias veiculadas pelo portal G1 no ano de 2020, o primeiro da pandemia, elaborando quadros analíticos a partir de categorias criadas em função da análise de conteúdo destas reportagens.

Iniciamos a pesquisa recuperando rapidamente a formação dos hospitais públicos e, em seguida, focamos como se dá nestas instituições a comunicação de saúde, antes de nos debruçarmos sobre as reportagens do portal G1 no período indicado. A escolha do portal G1, que foi criado em 2006 pelas Organizações Globo, foi pautada pelo fato dele ser “a primeira iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada e pensada para o digital”⁴, sendo, hoje, inserido na plataforma Globoplay que agrega arquivos de reportagens de 21 editorias jornalísticas, o que possibilitou o acesso ao acervo das reportagens que foram feitas durante a pandemia, auxiliando na coleta de dados para a análise de conteúdo. Para a pesquisa realizada, foi feito um filtro na busca do portal utilizando a palavra-chave “hospital universitário”, no período indicado. Ao todo foram encontrados 578 resultados. Entre eles, além de reportagens textuais escritas para os portais do G1 de todos os estados brasileiros, também há reportagens no formato audiovisual, sendo algumas produzidas para o próprio G1 e outras para telejornais da TV Globo e afiliadas.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>.

2. HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL E COMUNICAÇÃO DE SAÚDE

O primeiro hospital-escola próprio que se tem registro foi o Hospital São Vicente de Paulo, na cidade de Belo Horizonte, inaugurado em 1928. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, dezenas de outros hospitais-escola vinculados às universidades foram fundados por todo o país (Araújo & Leta, 2014). A portaria interministerial nº 285, de 24 de março de 2015, caracteriza os hospitais de ensino como “estabelecimentos de saúde que pertencem ou são conveniados a uma Instituição de Ensino Superior (IES), pública ou privada, que sirvam de campo para a prática de atividades de ensino na área da saúde e que sejam certificados conforme o estabelecido nesta Portaria” (Brasil, 2015). Com a portaria, foi estabelecido o Programa de Certificação dos Hospitais de Ensino, que visa a melhoria da qualidade da atenção à saúde, do ensino, da pesquisa e da gestão desses hospitais, bem como garantir a qualidade da formação de novos profissionais priorizando as áreas estratégicas do Sistema Único de Saúde (SUS), dentre outros objetivos que visam integrar essas instituições ao SUS (Brasil, 2015).

Atualmente, de acordo com dados do Cadastro Nacional de Estabelecimentos em Saúde (CNES), 202 instituições hospitalares no Brasil são classificadas como hospitais de ensino, isto é, possuem portarias de adesão ao Programa de Certificação dos Hospitais de Ensino. Estas instituições, por sua vez, precisam “prestar ações e serviços de saúde ao SUS, colocando a oferta sob regulação do gestor do SUS” (Brasil, 2015), pré-requisito para certificação do Ministério da Saúde. Dentre os hospitais de ensino, estão os hospitais universitários que, de acordo com o decreto nº 7.082, de 27 de janeiro de 2010, “desempenham as funções de local de ensino-aprendizagem e treinamento em serviço, formação de pessoas, inovação tecnológica e desenvolvimento de novas abordagens que aproximem as áreas acadêmica e de serviço no campo da saúde”.

Os HUs são, ainda, contratualizados com o SUS, e prestam atendimento de média e alta complexidade no âmbito da saúde pública. Vale mencionar que estas unidades hospitalares podem ser vinculadas a instituições privadas ou públicas e, no caso das universidades federais, possuem orçamento do Programa de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (Rehuf), instituído por meio do decreto nº 7.082. Ainda foi criada, por meio do decreto nº 7.661, de 28 de dezembro de 2011, a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), que atualmente administra 41 dos 51 hospitais vinculados a 36 universidades federais no país⁵.

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/sobre-os-hospitais-universitarios-federais>.

Neste caso, a universidade realiza o contrato com a Estatal, que administra os recursos do Rehuf destinados àquela unidade.

No Gráfico 1 estão os 51 Hospitais Universitários que levantamos, dos quais 43% estão localizados na região Sudeste (33 HUs), 24% Nordeste (18 HUs); 18% no Sul (14 HUs); 8% no Norte (6 HUs) e 7% na região Centro-Oeste (5 HUs). Já no Gráfico 2, destacamos a porcentagem de hospitais universitários federais por região do Brasil: 35% no Sudeste (18 HUFs); 33% no Nordeste (17 HUF); 12% na região Sul (6 HUF); 10% no Centro-oeste (5 HUF) e 10% no Norte (HFU). Considerando os dois gráficos 1 e 2, pode-se observar que a maior concentração de unidades de ensino universitário no Brasil se encontra na região Sudeste, independentemente da origem, isto é, ser oferta pública, privada, federal, estadual ou municipal.

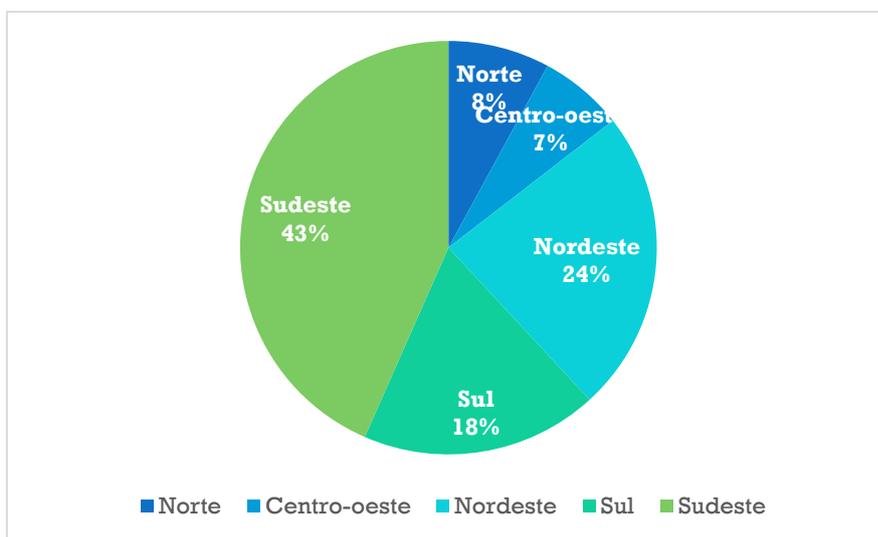


Gráfico 1 - Hospitais universitários por região. Gráfico criado pelo pesquisador, 2024.

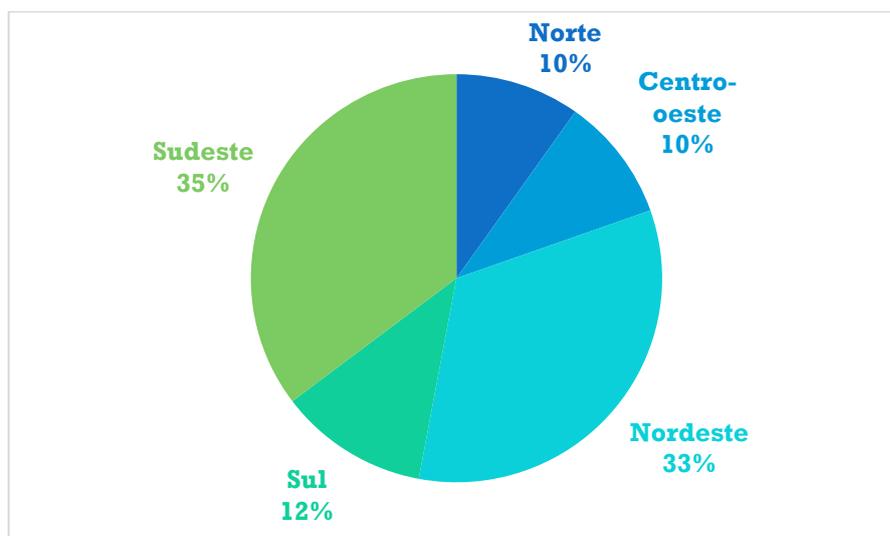


Gráfico 2 - Hospitais universitários federais por região. Gráfico criado pelo pesquisador, 2024.

A despeito de, desde os anos 1920, a comunicação de saúde ter sido incluída como estratégica em nível federal com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e, nos anos 1940, com a criação do Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES); as concepções de comunicação às políticas públicas de saúde serem ampliadas (Araújo, Cardoso, 2007) a partir da década de 1980 com a 8ª Conferência Nacional de Saúde e, posteriormente, com criação do Sistema Único de Saúde, que os debates sobre o direito à saúde e o direito à comunicação se aprofundaram. Sendo unidades de atendimento vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), os hospitais universitários públicos também passaram a contribuir para a garantia de direito à saúde aos usuários por meio da disseminação de informações via comunicação interna e externa.

As ouvidorias são um canal de manifestação de reclamações, sugestões, elogios ou solicitações de informações para as instituições públicas por parte das pessoas que utilizam os serviços prestados por elas. Pesquisa de Scroferneker, Amorim e Escobar (2013) apontou que há uma crescente atividade de ouvidorias virtuais em hospitais universitários brasileiros e espanhóis, sendo que canais como “Ouvidoria”, “Fale conosco” e “Contatos” são frequentes em sites dos hospitais. Também foram apontadas as mídias sociais como canal de contato entre instituição e usuário, à época do estudo os mais populares o Twitter e o Facebook por serem vistas como capazes de estreitar mais as relações entre as instituições e os diversos segmentos do público. No governo federal, a plataforma Fala BR⁶, da Controladoria Geral da União, reúne diversos canais de ouvidoria para a prestação de informação e atendimento aos usuários de órgãos públicos. O *link* para a plataforma está disponível nos sites dos hospitais universitários, e por meio da plataforma e das salas de ouvidoria, os usuários podem fazer suas solicitações de informações, críticas e elogios.

Durante a pandemia, o discurso científico se tornou cada vez mais presente no cotidiano das pessoas sendo mediado pelos meios de comunicação. Neste contexto, diversas instituições de saúde, dentre elas os hospitais universitários, devido à sua participação como unidades de atendimento da Covid-19, passaram a fazer parte do cotidiano dos noticiários, inseridos no âmbito do Sistema Único de Saúde que, segundo pesquisa de Machado (2020), que analisa 30 anos de notícias sobre o SUS no jornal O Globo, já poderia ser considerado midiático, configurando-se como fonte da imprensa quanto ao sistema público de saúde brasileiro. Portanto, considerando a ideia defendida por Machado (2020), que observa uma certa

⁶ Disponível em: <https://falabr.cgu.gov.br/web/home>.

naturalização do SUS presente no cotidiano das pessoas, pode-se inferir que os hospitais universitários são organizações sociais que estão inseridas nesse contexto da midiatização da ciência, visto que fazem parte do ambiente da saúde pública e da academia, por serem vinculados às universidades.

Sendo os hospitais universitários organizações que atuam junto às diferentes esferas da sociedade e estão inseridas neste espaço de mediação entre o conhecimento científico e a população, pode-se assumir que participam do sistema de comunicação pública, que “deve incluir a possibilidade de o cidadão ter pleno conhecimento da informação que lhe diz respeito, inclusive aquela que não busca por não saber que existe” (Duarte, 2009, p. 64). Em outro de seus trabalhos, Duarte (2016) privilegia a relação da comunicação pública com a cidadania, entendendo o conceito de cidadania como “a possibilidade de cada um e de todos conhecerem suas obrigações e conhecerem seus direitos” (Duarte, 2016, p. 1). A comunicação pública pode ser, ainda, cruzada com a comunicação científica, na perspectiva de criar mais canais cotidianos com a vida das pessoas, além de despertar o interesse pela ciência.

Outros autores como Monteiro (2009) e Torquato (2004) vão debater o tema, ampliando os vieses de reconhecimento e definição do que seja comunicação pública. Monteiro (2009) busca compreender quais elementos seriam exclusivos da comunicação pública, diferenciando-a das demais formas de comunicação. Por meio do diálogo com outros autores como Zémor (1995), e analisando a natureza da mensagem da comunicação pública, e não o seu emissor, concluiu-se que “a característica número 1 desse tipo de informação é ser portadora do interesse geral”. Tal interesse, para Zémor (1995 in: Monteiro, 2009), resulta de um “compromisso de interesses” entre os indivíduos e os grupos da sociedade.

Torquato (2004) enumera as funções da comunicação na administração pública, são elas: a comunicação como forma de integração interna; como forma de expressão da identidade; como base de lançamento de valores; a comunicação como base da cidadania; a comunicação como função orientadora do discurso dos dirigentes (assessoria estratégica); a comunicação como forma de mapeamento dos interesses sociais; a comunicação como forma de orientação ao cidadão; a comunicação como forma de democratização do poder; a comunicação como forma de integração social; a comunicação como instrumento a serviço da verdade.

Quando falamos que a pandemia ocorreu em um contexto marcado pela midiatização e pela desinformação, as instituições públicas precisaram se aproximar ainda mais da população para fornecer as informações corretas para o enfrentamento do vírus, e para isso foi fundamental a interface com o jornalismo. Com a função social de prestação de serviço e de levar a

informação correta para a população, os veículos de imprensa necessitavam de fontes confiáveis e com embasamento científico. Houve algumas situações, como foi o caso da criação do consórcio de imprensa em junho de 2020, criado em um contexto de “apagamento de informações” onde a fonte dos números sobre a Covid-19 passou a ser a própria imprensa (Barbosa; Andrade; Cony, 2022).

No entanto, mesmo com esta inversão de papéis onde a imprensa passa a ser fonte, a imprensa ainda precisa de fontes para orientar, explicar e detalhar procedimentos que são da lógica da ciência e da saúde. Neste sentido, as instituições de ciência e de saúde entraram em cena como fonte secundária (Lage, 2003) e especializada para falar sobre assuntos específicos.

Durante o período da pandemia, uma das fontes que ganhou destaque foi o Sistema Único de Saúde (SUS), o qual segundo Machado (2022), nem sempre foi visto com “bons olhos” pela mídia, mas, durante a pandemia de Covid-19, chegou ao ponto de ter sido considerado “solução e salvação para a população”. Ao definir o conceito do SUS midiático, a autora considera que “a mídia, de um modo geral, contribuiu para a compreensão e percepção que a população tem sobre o SUS, a partir das suas variadas narrativas” (Machado, 2022, p. 146).

Ressaltamos que, neste artigo, o fundamental é compreender que a comunicação pública inclui o pleno acesso à informação, com participação ativa dos cidadãos. Sob esse horizonte, os hospitais universitários, que fazem parte do Sistema Único de Saúde, também estão inseridos no contexto da comunicação com a sociedade, seja por meio das notícias enviadas pelas unidades de comunicação presentes dentro das instituições, ou através das demandas dos veículos de comunicação comerciais e/ou públicos. Assumindo esta posição, foi que realizamos o levantamento das matérias no portal G1, no período de um ano.

3. VIÉS METODOLÓGICO UTILIZADO

Na página principal do portal G1 existe uma ferramenta de busca de notícias por palavra-chave, e é possível filtrar a busca para o período de publicação desejado. Nesta ferramenta, foi feita a busca pelo termo “hospital universitário”, utilizando o filtro de pesquisa para o período de 01/01/2020 a 31/12/2020, abarcando o primeiro ano da pandemia de Covid-19.

Em seguida, foi realizada a coleta de todos os resultados mostrados na busca, em uma planilha de dados que classificava as notícias por data, formato (áudio, vídeo e texto), e em qual veículo a notícia havia sido publicada. Foram dados iniciais para nortear a amostragem e

auxiliar na criação das categorias propostas pela metodologia da análise de conteúdo, cuja autora de referência foi Bardin (1977).

A partir da pesquisa do termo “hospital universitário” no Portal G1 e após a exclusão dos resultados que apareceram em duplicidade, foram obtidos 578 resultados. Viu-se como necessário analisar qual a quantidade de notícias a cada mês. Para isso, no gráfico a seguir, é apresentada a quantidade de notícias a cada mês, de janeiro a dezembro do ano de 2020.

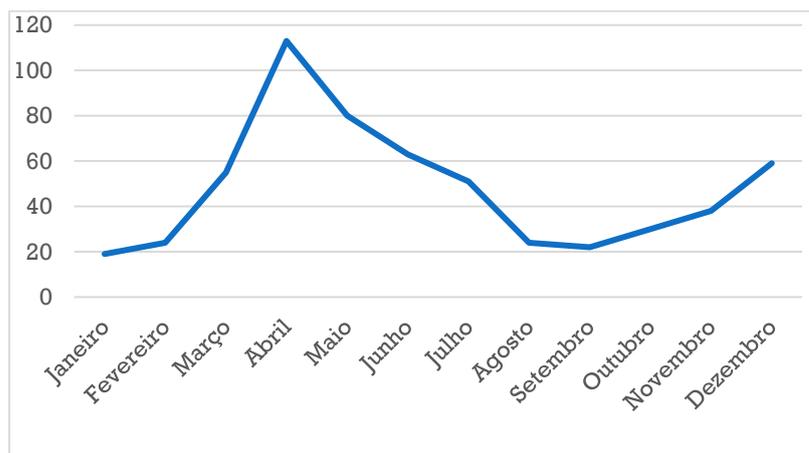


Gráfico 3 - Curva com número de notícias por mês. Gráfico criado pelo pesquisador, 2024.

A partir do gráfico acima, pode-se inferir que o número de notícias contendo as palavras-chave “hospital universitário” começa a aumentar a partir do mês de março, atingindo seu pico em abril, com 113 resultados encontrados. A partir de julho, o número de notícias diminuiu, chegando ao seu menor número em setembro, com 22 resultados. De outubro até dezembro, os resultados voltam a aumentar.

A sistematização do *corpus* se deu a partir de 9 categorias de análise, que são: notícia que não cita Covid-19; dados sobre casos suspeitos ou confirmados; medidas de prevenção; doações e atos de solidariedade; pesquisa e inovação; atendimento; rotina hospitalar; denúncia e; orientações sobre a pandemia. A seguir, detalhamos as 9 categorias de notícias encontradas:

- **Atendimentos:** a categoria atendimentos considerou as notícias que falavam sobre abertura de leitos, chegada de novos equipamentos, abertura de serviços exclusivos para o atendimento à Covid-19 (teleconsultas, atendimento psicológico, pós-covid, entre outras) ofertados pelos hospitais universitários. Foram encontrados 177 resultados.
- **Notícia não cita Covid-19:** notícias que citam a participação dos hospitais universitários em diversos assuntos do cotidiano, porém não relacionados à Covid-19. Nesta categoria foram encontrados 125 resultados.

- **Casos suspeitos ou confirmados:** notícias que relatam os primeiros casos da doença em cidades ou estados, sejam suspeitos ou confirmados, e óbitos. Foram encontrados 125 resultados.
- **Medidas de prevenção:** notícias que informam quais as medidas que os hospitais tomaram para cumprir as medidas propostas pela OMS, como o isolamento social, higienização com álcool em gel e uso de máscaras, atestando a preocupação real com a disseminação do vírus em larga escala. Esta categoria apresentou 38 resultados.
- **Doações e atos de solidariedade:** apresenta campanhas feitas para doação de equipamentos e insumos hospitalares, mobilização de equipes para auxiliar os hospitais universitários, campanhas de valorização ao trabalho do profissional de saúde. Foram encontrados 42 resultados para esta categoria.
- **Pesquisa e inovação:** esta categoria reúne as notícias que citam estudos sobre vacinas, medicamentos relacionados à Covid-19, tratamentos e inovações que foram fruto de pesquisa científica e demonstram o esforço e o potencial dos pesquisadores brasileiros na busca por tratamentos eficazes para a doença. Foram encontrados 47 resultados.
- **Rotina hospitalar:** durante a coleta de dados, foram encontradas 7 notícias que se destacavam das demais por terem como foco o cotidiano dos hospitais e dos profissionais que neles trabalhavam, relatando suas experiências, angústias e seu lado como seres humanos que também estavam preocupados com as mudanças no cotidiano causadas pela pandemia.
- **Denúncia:** a categoria “denúncia” aparece com notícias que focam em superlotação de hospitais, falta de equipamentos de proteção individual (EPIs), aglomeração, demora no atendimento, falta de leitos especializados, suspensão de atendimentos que não sejam pelo motivo da emergência sanitária. Foram encontrados 29 resultados.
- **Orientações sobre a pandemia:** são as notícias que apresentam orientações sobre como enfrentar a pandemia do coronavírus: usar máscaras, álcool em gel, evitar aglomerações, elaborações de protocolos e planos de contingência, esclarecimentos sobre *fake news*, medidas de acesso à informação para a população, explicações gerais sobre a doença e os cenários da Covid-19 no Brasil, tendo como fonte os profissionais atuantes nos hospitais universitários. Para esta categoria foram encontrados 16 resultados.

Como exemplo de uma das categorias de análise, trazemos a notícia da categoria “Pesquisa e inovação”, veiculada em 06/04/2020, intitulada “Laboratório do HU produz álcool líquido para ser utilizado no sistema público de saúde⁷”.

A reportagem analisada é um dos exemplos de como a atuação dos HUs para o ensino, pesquisa e inovação foi mostrada durante a pandemia. As matérias desta categoria destacaram o combate entre a ciência e os profissionais de saúde contra o coronavírus, não sendo possível outra estratégia a não ser aguardar, em casa, até “a ciência” encontrar uma solução, fosse um medicamento ou uma vacina. Nesta categoria, inclusive, se encontram diversas matérias que iniciam as pesquisas com o medicamento hidroxicloroquina, muito presente no debate político no primeiro ano da pandemia.

No caso da matéria veiculada no dia 06/04/2020, é destacado o processo de produção do álcool em gel e os esforços dos cientistas em produzi-lo, mesmo com a falta de insumos. É destacado, ainda, o esforço coletivo de estudantes voluntários que participam do projeto por um “bem coletivo”. O estudante entrevistado na matéria ressalta que este é um trabalho que, além de auxiliar a população, irá ajudar profissionalmente na formação, evidenciando a característica principal dos hospitais de ensino, que é tornar-se “uma grande sala de aula prática” (Araújo & Leta, 2014).

Os hospitais aparecem como fonte primária (Lage, 2003), pois são diretamente ligados ao fato que desenvolve a pauta, e como fonte secundária, no caso da entrevista com a professora da faculdade de farmácia que dá informações auxiliares sobre a produção do álcool em gel. Além disso, contribuem para o embasamento da população com informações sobre a atuação dessas instituições durante a pandemia.

4. A RELEVÂNCIA DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA PARA A COBERTURA DO G1

Diante do recorte temporal proposto, pode-se afirmar que os hospitais universitários tiveram papel relevante como fonte de informação durante a pandemia de Covid-19. Seja como fonte secundária, na figura do especialista que esclarece informações, ou como fonte primária, aquela testemunha que está ali vivendo os fatos em primeira pessoa, as categorias denotam que esta participação foi importante no sentido de demonstrar a importância do trabalho destas instituições no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), prestando atendimento para a população. Mesmo nas notícias que não citavam a Covid-19, foi visível essa função dos

⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8461491>.

hospitais universitários, que atuam em diversos tipos de atendimento, desde os que possuem urgência até os serviços de média e alta complexidade.

A vivência de uma pandemia midiaticizada (pois o modo como viveu-se a pandemia foi submetido à lógica da mídia, visto que com o isolamento social as vivências em grupos diminuíram e passaram a ser mediadas pelos meios de comunicação social) trouxe um contexto extremamente propício ao surgimento de informações falsas e manipuladas, compartilhadas com ou sem más intenções, e conforme pôde-se observar na categoria “orientações sobre a pandemia”, os hospitais universitários atuaram no combate à desinformação, utilizando-se da posição de “autoridade científica” para esclarecer, conforme as evidências científicas, o que era ou não correto sobre a condução da vida durante a pandemia.

Por fim, a partir de tudo o que foi considerado e da análise do papel dos hospitais universitários durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19, defende-se que estas instituições são de fundamental importância na agenda da mídia e como instituições promotoras de comunicação da saúde visando a garantia deste direito à população. São instituições que fazem parte da história e do cotidiano das pessoas, seja por um atendimento, por uma formação ou porque, de alguma forma, houve conhecimento dessas instituições como atendimento especializado e de referência, e produzem sentido a partir do conjunto de funções que exercem, de ensino, pesquisa, e assistência, podemos criar como hipótese a partir deste estudo de comunicação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kizi Mendonça de; LETA, Jacqueline. Os hospitais universitários federais e suas missões institucionais no passado e no presente. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, out.-dez. 2014, p. 1261-1281.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BARBOSA, Marialva; ANDRADE, Ana Paula Goulart de; CONY, Marcos Andre Oliveira. Cenas dos próximos capítulos: a criação do consórcio de imprensa. **Revista Razón y Palabra**, v. 25, n. 114, 2022.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (org.). **Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: All Print, 2009. p.157-78.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições

Técnicas, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Documento de referência para o Programa Nacional de Segurança do Paciente**. Ministério da Saúde; Fundação Oswaldo Cruz; Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/documento_referencia_programa_nacional_seguranca.pdf. Acesso em: 23 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Interministerial nº 285, de 24 de março de 2015**. Brasília, DF. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2015/prt0285_24_03_2015.html. Acesso em: 14 dez. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7082, de 27 de janeiro de 2010**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7082.htm. Acesso em: 14 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção Primária e Atenção Especializada: Conheça os níveis de assistência do maior sistema público de saúde do mundo (site)**. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/16496>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

DUARTE, Jorge (org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e prática**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GIORDANI, Carla et al. A ciência entre a infodemia e outras narrativas da pós-verdade: desafios em tempos de pandemia. **Ciência e saúde coletiva**, v. 26, n. 7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.05892021>.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3a. ed, Rio de Janeiro: Record, 2003.

MACHADO, Izamara Bastos. **O SUS midiático: historicidades e sentidos sobre saúde pública no jornal O Globo (1988-2018)**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

MACHADO, Sérgio Pinto. KUCHENBECKER, Ricardo. Desafios e perspectivas futuras dos hospitais universitários no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2007, v. 12, n. 4, pp. 871-877. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400009>. Acesso em 19 dez. 2022.

MASSARANI, Luisa Medeiros; LEAL, T.; WALTZ, I.; MEDEIROS, A. Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da Covid-19. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, 2021, p. 1-23.

MONTEIRO, Graça. A singularidade da comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.) **Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19** [internet]. Disponível em:

https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/FactsheetInfodemic_por.pdf?sequence=16.

SACRAMENTO, Igor. FALCÃO, Hully. MONARI, Ana Carolina. Sob o regime contemporâneo da pós-verdade: o bios midiático, a desinformação científica em saúde e a importância da perspectiva das mediações In: **Desinformação e covid-19: desafios contemporâneos na comunicação e saúde**. Cláudia Malinverni, Jacqueline I. Machado Brigagão, Janine Cardoso, Edlaine Faria Moura Villela, Carlos Roberto Z. (orgs). Bugueño – São Paulo: Instituto de Saúde, 2023

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de comunicação organizacional e política**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

Paola Caracciolo

Jornalista do Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense (UFF)/Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). Mestranda em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (2022-atual). Especialista em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (2015) e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (2011). Possui experiência nas áreas de audiovisual, Divulgação Científica, multimídia, Educação para a Ciência e assessoria de comunicação.

Flavia Clemente

Diretora do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de Comunicação Social e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC). Graduada em Jornalismo (UFF), mestre em Comunicação (PPGCOM/UFF) e doutora em Linguística (POSLING/UFRJ). Sua experiência profissional inclui as áreas de Comunicação Institucional e Assessoria de Imprensa. Pesquisa, atualmente, as questões relacionadas à memória institucional, às narrativas discursivas que se constituem no território das relações da imprensa com as instituições, sejam elas públicas e/ou privadas, com foco, especialmente, na área de assessoria de comunicação e mídias sociais, em abordagem que problematiza seus produtos e processos, considerando o atual cenário das plataformas digitais. Lidera o grupo de pesquisas Comunicação Institucional e suas Interfaces e coordena o projeto de extensão Observatório das Fontes de Informação Pública.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional